

VARRENDO A IMPRENSA: A ASCENSÃO DE JÂNIO QUADROS E O PERIODISMO PAULISTANO (1947-1951)

*Felipe Santos Magalhães**

Resumo

Pensado primordialmente como louco, esdrúxulo, esquisito e marcado pela renúncia, Jânio da Silva Quadros construiu uma rápida ascensão na política brasileira. Em apenas 13 anos saiu de uma simples vereança por um partido pequeno em São Paulo e chegou à Presidência da República apoiado pela UDN. Ao invés de se atribuir características pejorativas ao personagem, a intenção aqui é pensar sua trajetória política entre 1948 e 1951, onde através da construção de personagens e atento aos discursos do periodismo paulistano, Jânio Quadros mostrou uma imensa sensibilidade política e se aproveitou das fragilidades do um sistema político brasileiro entre 1945 e 1964.

Palavras-chave

São Paulo; Jânio Quadros; Imprensa; Política; Poder Legislativo.

Abstract

Primarily considered an insane, an extravagant and odd person, marked by his resignation, Jânio da Silva Quadros built a quick ascension in Brazilian politics. In just 13 years he emerged from a simple councilman, in a small party in São Paulo, and arrived to the Republic Presidency, supported by UDN. Instead of attributing pejorative characteristics to his person, our intention here is to think about his political trajectory between 1948 and 1951. In this period, through the construction of characters and the attention given to the discourses from São Paulo journalism, Jânio Quadros showed an immense political sensitiveness and took advantages of the Brazilian political system fragilities between 1945 and 1964.

Keywords

São Paulo; Jânio Quadros; Pres; Politics; Legislative Department.

Jânio da Silva Quadros construiu uma carreira política poucas vezes vista. No período entre 1947 e 1960, elegeu-se sucessivamente como vereador (São Paulo/SP), deputado estadual (SP), prefeito (São Paulo/SP), governador (SP), deputado federal (PR) e Presidente da República, sem perder nenhuma disputa. No entanto, quando se fala em Jânio, o primeiro evento a ser citado é o da renúncia. Em relação à política brasileira este fato ganhou contornos dramáticos e nos manuais de história é sempre comentado como o fato de maior destaque e relevância na sua trajetória.

Minha proposta é deixar de lado, por instantes, a renúncia e pensar como Jânio iniciou o processo de construção de sua figura política. Esta proposta se articula ao objetivo fundamental deste artigo; discutir como nos primeiros anos de sua trajetória política, Jânio assentou as bases principais do personagem que chegaria à Presidência da República em 1960. Para isto, se utilizou de um aliado fundamental: a imprensa periodista paulistana. Neste sentido, nosso período histórico se restringe ao período entre 1947 e 1951, quando passou pela Câmara Municipal de São Paulo (CMSP) e pela Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP).

Jânio Quadros era natural do antigo Estado do Mato Grosso, tendo nascido na cidade de Campo Grande em 25 de janeiro de 1917, coincidentemente o mesmo dia da fundação de São Paulo¹. Ainda menino, com apenas 1 ano de idade, mudou-se junto com sua família para Curitiba, onde realizou os estudos primários no Ginásio Paranaense². Gabriel Quadros, pai de Jânio, era médico e conseguiu empregar-se junto à Diretoria de Saúde Pública do Paraná. Com o triunfo do movimento de 30, transferiu-se com toda a família para a capital paulista, em virtude de ter lutado contra os revolucionários e ter sido demitido do cargo³. Após algumas idas e vindas do Dr. Gabriel e de sua família pela capital e pelo interior paulista, acabaram retornando à cidade de São Paulo e fixando, nesta, residência em definitivo. Mesmo com estas mudanças, o menino Jânio prosseguia seus estudos, e em 1933 foi matriculado no Colégio Arquidiocesano, onde já havia estudado anteriormente, e aí terminou o “curso de Humanidades”⁴.

Em 1935, ingressou na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, no famoso Largo de São Francisco. Este espaço se constituía num dos mais politizados da capital paulistana, principalmente pela presença do Centro Acadêmico XI de Agosto, responsável por grande série de atividades acadêmicas, das quais Jânio participou de muitas⁵. Em 1939, Jânio bacharelou-se em Direito pela tradicional Faculdade do Largo de São Francisco, passando a atuar como advogado logo em seguida, pois montara um pequeno escritório de advocacia no centro de São Paulo⁶. Também passou a lecionar Português e Geografia⁷, nos “*renomados*” colégios Dante Alighieri e Vera Cruz⁸.

Após a queda do Estado Novo e a volta da normalidade à vida político-partidária brasileira, com a reorganização dos partidos ocorrida em 1945, Jânio filiou-se à UDN através do comitê de Vila Mariana. Como a legenda lhe foi negada para concorrer a vereador nas eleições municipais de 1947, para a formação da CMSP, optou por filiar-se ao PDC onde conseguiu candidatar-se⁹.

Contando com o apoio e o incentivo dos seus alunos do Dante Alighieri¹⁰ e dos pais deles disputou uma vaga na CMSP (CMSP) nas eleições de 1947, obtendo o número de votos suficientes para levar-lhe ao seu objetivo. Entre 1948 e 1950, Jânio exerceu seu mandato que, à princípio, só terminaria em 1951, mas renunciou ao cargo e tornou-se o deputado estadual mais votado de São Paulo.

A maior parte da produção acadêmica preocupada com o tema priorizou destacar os aspectos psicológicos e pitorescos do personagem ao invés de investigar as razões pelas quais Jânio Quadros teria passado como um meteoro pela política brasileira. Quero dizer que o foco não é o personagem em si, mas a relação estabelecida entre ele, os eleitores, a imprensa e o sistema político-partidário por exemplo. Um dos objetivos deste artigo é contribuir no sentido de oferecer novas possibilidades para o estudo da figura janista, através do início de sua carreira, onde entende-se já haver a presença dos traços singulares que o caracterizariam mais tarde.

Jânio representou um dos personagens mais visíveis dentro do período 1945-1964, sabendo trabalhar de forma eficaz sua imagem, através de uma pretendida identificação com as camadas trabalhadoras e parte da classe média conservadora paulistana, procurando opor-se firmemente ao tipo de político estampado claramente na figura de Adhemar de Barros, identificado como corrupto. É geralmente visto pelo senso comum, como um político tresloucado que se aproximava muito do esdrúxulo e do ridículo. Vários trabalhos que contemplam o tema se utilizam destes aspectos para lhe fazer referência. Acredita-se ter a historiografia dado maior ênfase a estes aspectos e relegado a segundo plano o processo de construção da figura janista.

O modo pelo qual Jânio pensava e tratava a política, geralmente, não foi trabalhado, como se ele não tivesse idéias de como a coisa pública deveria ser gerida. Pode-se afirmar que a maior parte dos historiadores e cientistas políticos inseridos nesta discussão caiu na velha visão liberal da ilusão do povo com a figura do Messias. Na maior parte das vezes deixou-se de levar em consideração que este político representou interesses de diferentes grupos sociais de São Paulo, fossem moradores do centro ou da periferia.

Vou trazer dois exemplos de como Jânio foi pensado. Francisco Iglésias em *Trajecória Política do Brasil*¹¹, onde na introdução afirma ter buscado *um texto a ser lido por qualquer pessoa culta, a ser citado também como um trabalho especializado com síntese*

de nível acadêmico¹², faz um estudo sobre história política do Brasil, com a periodização entre 1500 e 1964. Dedicou um item sobre a passagem de Jânio pela política brasileira, intitulado-o de “O fenômeno Jânio Quadros”. Inicia esta parte do livro, assinalando que o procedimento político e a personalidade de Jânio são de impossível separação e que sua passagem pelos cargos eletivos sempre foram tumultuadas¹³. Ao fim de sua breve análise, afirma:

Talvez se tenha dedicado espaço demais a período tão curto: o motivo está na singularidade, marcada, mais que qualquer outra, pelo perfil psicológico do personagem, que vincou com traço mais negativo que positivo a vida nacional.¹⁴ [grifos meus]

Maria Victoria Benevides em *O governo Jânio Quadros*¹⁵ faz uma análise privilegiando a passagem de nosso personagem pelo Palácio do Planalto. Ressaltam-se os seus aspectos personalistas, traduzidos em autoritarismo, o bonapartismo janista¹⁶ e trabalha-se com a idéia segundo a qual a “*vassoura teria aberto o caminho para a espada*”, identificando na renúncia a abertura do processo que culminou com o golpe de 1964.

Deve-se, também, ressaltar a existência de trabalhos que optaram por levar a discussão em torno do tema Jânio Quadros para outros aspectos e não apenas ressaltar os traços psicológicos e pitorescos de um agente político. Vera Chaia em *A liderança política de Jânio Quadros*¹⁷ apresenta uma obra que surge como indicação aonde foi dada maior relevância ao tema. Neste estudo, exclusivamente dedicado a Jânio Quadros, encontra-se uma análise consistente sobre vários aspectos, abordando todas as suas passagens pelos cargos eletivos que ocupou, dando atenção à várias facetas das idéias janistas sobre política e administração pública. Traz uma importante abordagem para este tema, jogando luzes novas sobre o personagem.

No contato com a bibliografia, principalmente a voltada para o mundo acadêmico, constata-se a existência de uma concordância ampla no sentido de apontar que Jânio somente conseguiu sua cadeira de vereador na CMSP, graças à cassação dos mandatos dos candidatos comunistas. Todavia, ao contrário do afirmado e reafirmado diversas vezes pela literatura acadêmica, Jânio Quadros foi eleito vereador em 1947 de modo direto, ou seja, a cassação dos vereadores eleitos pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) não abriu nenhuma cadeira no parlamento paulistano como se pensara. Nos dizeres de Maria Victoria Benevides temos que: *Em 1947, suplente de vereador pela legenda do Partido Democrata Cristão, assume o mandato devido à cassação dos candidatos do Partido Comunista, então colocado na ilegalidade.*¹⁸

Assim como Benevides, Jorge Miguel Mayer & Cesar Benjamin¹⁹, Francisco Iglesias²⁰ e Vera Chaia²¹ insistiram nesta idéia. Ao acompanhar-se a imprensa periódica paulistana na época da eleição, percebe-se que a Câmara Municipal seria composta por 45

vereadores. Após a divulgação dos resultados finais do pleito do dia 9 de novembro de 1947, ficaria assim composta a Câmara por partidos políticos:

Composição da CMSP após a diplomação dos vereadores eleitos no pleito de 9 de novembro de 1947

PARTIDOS	Nº de vereadores
PST	15
PSP	8
UDN	6
PSD	4
PTB	3
PDC	3
PR	3
Frente Trabalhista Popular ²²	2
PSB	1

FONTE: *Diário Oficial do Estado de S. Paulo*²³

Jânio concorreu pelo Partido Democrata Cristão (PDC) que havia conseguido três cadeiras no Parlamento local. O vereador mais votado, dentro do partido, foi Valério Giuli com 2.326 sufrágios, em segundo lugar veio Jânio Quadros com 1.707 e em terceiro lugar, Miguel Franchini Neto com 1.587²⁴. Portanto, a cadeira de Jânio já estava assegurada após a apuração dos votos, tanto que no dia 26 de novembro foi diplomado pelo Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo (TRE/SP)²⁵, junto com todos os outros eleitos.

Contudo, neste mesmo ano, o registro do PCB²⁶ havia sido cassado em 10 de maio, mas os políticos eleitos por esta legenda continuaram a exercer seus mandatos até 07 de janeiro de 1948, quando o Congresso Nacional votou a cassação dos mandatos dos políticos eleitos filiados ao Partidão²⁷. O Partido Social Trabalhista (PST) foi o maior vitorioso na eleição para a composição da CMSP, tendo conquistado quinze cadeiras no parlamento. Através do voto direto, o PST adquiriu o direito de ocupar 1/3 da Câmara, quase o dobro de assentos, oito, do partido do governador Adhemar de Barros, o Partido Social Popular (PSP).

Segundo pode ser observado tanto na imprensa oficial, quanto na não-oficial, no dia 26 de novembro de 1947 foram divulgados pela Comissão Apuradora das eleições os resultados finais do pleito municipal de nove do corrente, assim como as votações finais de todos os candidatos. Proclamados os vereadores eleitos, passou-se à diplomação²⁸.

Às vésperas de se instalar a 1ª Legislatura da CMSP, o Tribunal Superior Eleitoral cassou os mandatos dos vereadores eleitos, e já diplomados, pelo PST, tornando nulos os votos concedidos ao partido e deixando 15 vagas em aberto. Desta forma, o PSP saiu como o grande beneficiário desta decisão, conseguindo fazer a maioria dentro da Casa,

pulando de nove para dezessete vereadores. Após a cassação ficou da seguinte forma composta a Câmara:

*Composição da CMSP após a cassação dos mandatos
dos vereadores eleitos pelo PST*

PARTIDOS	Nº de vereadores
PSP	17
UDN	7
PSD	5
PTB	4
PDC	4
PR	3
Frente Trabalhista Popular	3
PSB	2

FONTE: Anais da Câmara Municipal de São Paulo²⁹

Já na edição de 22 de novembro de 1947, o *Diário Oficial* trazia a lista dos vereadores eleitos por partido e a votação final recebida por cada um deles. Nesta, percebe-se que o PDC elegera três candidatos, sendo Jânio o segundo colocado dentro da legenda, ficando atrás apenas de Valério Giuli. Quatro dias após esta divulgação Jânio Quadros foi diplomado vereador pelo TRE/SP, em sessão realizada no dia 26 de novembro, noticiada pelos periódicos não-oficiais no dia seguinte e pelo *Diário Oficial* no dia 28. Portanto, Jânio já havia recebido o seu diploma de vereador, um mês antes dos mandatos dos edis comunistas terem sido cassados pelo TSE.

Jânio chegou à Câmara Municipal de São Paulo sem ser uma das figuras mais conhecidas ou que tivesse um grande partido por trás para auxiliá-lo. Em três anos de mandato, conseguiu reverter este quadro e elegeu-se como o deputado estadual recordista de votos no estado de São Paulo. Esta posição alcançada logo na eleição seguinte não surgiu à toa. Durante seu mandato de vereador foi o recordista de proposições, somando-se indicações, requerimentos e projetos de lei. É importante perceber que a maior parte de suas sugestões vinha sob a forma destes dois últimos. Tomando como base o ano de 1949, foi formulado o seguinte quadro³⁰:

A Participação de Jânio na CMSP

PROPOSIÇÕES INDICAÇÕES	CÂMARA	JÂNIO QUADROS	%
	3180	200	6,3
REQUERIMENTOS	1640	340	27,3
PROJETOS	430	50	11,5
TOTAL		590	11,2

FONTE: Anais da Câmara Municipal de São Paulo (1949)

Levando-se em consideração que para a 1ª Legislatura da CMSP foram escolhidos 45 vereadores, é possível constatar que sua participação, através da apresentação de sugestões, supera em muito a dos demais, pois Jânio Quadros foi capaz de responder por mais de 11% do total das proposições apresentadas, não havendo nenhum outro vereador deste período capaz de ultrapassar este número.

Esta participação ativa na CMSP servia para mostrar a existência de um político diferente dos outros políticos, cujo interesse fundamental não seria se locupletar com o poder. Em função disto foi capaz de construir a imagem de homem sério, honesto e trabalhador. Esta imagem estaria distanciada daquela mais comumente conhecida pelo periodismo paulistano e pelos eleitores.

Foi a partir da sua participação na Câmara, através da apresentação de um personagem capaz de encarnar vários tipos, cujo poder de sedução sobre o eleitorado paulistano era extremamente forte, que Jânio conquistou a posição de candidato a deputado estadual recordista de votos.

Chegar até a ALESP só foi possível graças ao trabalho desenvolvido pelo vereador Jânio Quadros. Ora, a marcha da apuração surge como principal dado neste sentido, pois até o momento dos votos dos eleitores da Capital entrarem no somatório parcial, Jânio não aparecia sequer entre os dez primeiros colocados da legenda pela qual havia concorrido, a do PDC.

A partir da entrada destes nas totalizações, sua subida foi meteórica, posto que no primeiro dia desta aparição, já despontava entre os três primeiros colocados dentro do seu partido; quatro dias após a divulgação desta parcial era o líder dentro do PDC e mais quatro dias foram suficientes para a conquista do primeiro lugar geral, posição mantida até o final.

Após a obtenção desta vitória, continuou consolidando sua posição e construindo seus personagens, neste momento, dentro da Assembléia Estadual. É interessante notar a continuidade e a coerência mantidas por Jânio nas suas passagens pelo Legislativo.

Em ambas as Casas, lutou pela equidade da Lei, pelo ideal de justiça para todos, pela tentativa de levar o ideal do bem comum para toda a população através do exercício de cargos político-administrativos, fosse pelo Legislativo, onde ele próprio demonstrava fazê-lo, fosse pelo Executivo, do qual cobrava a mesma atitude.

Pode-se dizer que houve uma preocupação de Jânio com a situação dos municípios do interior, pois apresentou proposições cuja finalidade seria o incremento das atividades agrícolas e industriais, visando a expansão do fortalecimento econômico para outras partes de São Paulo, não estando restrito à Capital ou a poucos municípios.

Entretanto, através do rastreamento da participação janista na ALESP no período 1951-1953, é possível apreender a preponderância de requerimentos e indicações dirigidas ao espaço da cidade de São Paulo e à sua população.

Além disto, continuava a construir os personagens já apresentados na CMSP, reforçando os textos já oferecidos para o deleite do seu público. Continuava a exigir que o Poder Público, através da conduta daqueles que estavam à sua frente, fosse um exemplo de respeito à Lei:

REQUERIMENTO Nº40/51

Requeremos à Mesa providências precisas no sentido de serem concitados os ilustres representantes do povo à rigorosa observância do Código Nacional de Trânsito, que proíbe a circulação de veículos sem licenciamento prévio e a chapa numérica respectiva, exceto nos casos expressos que o mesmo estatuto especifica.

Requeremos, ainda, as medidas necessárias ao recolhimento das chapas confiadas ou usadas pelos ex-deputados, bem como rigoroso cuidado na distribuição e no uso das mesmas chapas pelos membros da presente Legislatura.

Cumpra a esta Assembléia, Sr. Presidente, dar o exemplo do acatamento e do respeito à Lei.³¹

Além desta, outras proposições estavam ligadas a este tema, assim como aquelas ligadas à defesa dos direitos do consumidor, como o Requerimento 34/51³², cujo objetivo seria fiscalizar a atuação de negociantes que aumentavam o preço do amendoim, ou o 53/51³³ onde indagava como estava a situação do processo envolvendo a Comissão Estadual de Preços e os cinemas.

No aspecto político, Jânio reforçou a imagem do eterno opositor do ademarismo e dos “políticos tradicionais”. Lucas Garcez, então governador do Estado, havia conseguido formar a chamada “coligação interpartidária”, da qual quase todas as bancadas faziam parte, com exceção dos deputados do PSB e da maioria dos udenistas³⁴.

Devido a este acordo, o governador - cuja eleição baseou-se na máquina pessepista montada por Adhemar - contava com a maioria dentro da ALESP. Ora, para continuar mostrando a máscara do “opositor”, Jânio como líder do PDC na Assembléia, não poderia firmar nenhum acordo de apoio a Garcez.

Contudo, os outros quatro deputados³⁵ da bancada pedecista vinham constantemente votando a favor do governo. Este fato levou Jânio a pedir a expulsão dos seus correligionários do partido, sob a acusação de colaboração com o ademarismo, assim sendo, a bancada do PDC restringiu-se ao próprio Jânio.

O periodismo da época o auxiliava na construção da imagem de “opositor”, devido às diversas e pesadas críticas dirigidas contra os políticos. Os ataques poderiam vir de

uma forma “bem comportada” como os expostos na *Folha da Manhã*, através de seus editoriais, ou mais ácidos como os publicados em periódicos humorísticos como *O Governador* ou *Moscardo*.

O *Moscardo*, *semanário forte de críticas levianas*, foi fundado em 1926, sob o nome de *Il Moscone*, a troca dos nomes deu-se em virtude da ascensão do fascismo na Itália, para que não houvesse associação entre a revista e os totalitarismos. Os editores da revista pertenciam à colônia italiana radicada em São Paulo e afirmavam: *nada é sagrado para as moscas e para os jornalistas*. O *Moscardo* trazia uma seção intitulada “Tacapetadas”, onde colocava frases com conteúdo de crítica acirrada, onde poucos escapavam da sua mira. A política, poderia ser assim definida: *A Política é a arte de enganar o próximo, em nome da Pátria. A Política é a astúcia de se servir dos homens fazendo-os crer de servi-los*.³⁶ Se a política era assim definida, o mesmo tom seria empregado para qualificar aqueles que a exerciam:

O político é sinônimo de espertalhão, de salafrário, de hipócrita, de ladrão. Isto, naturalmente, sempre representando o povo.
Prefiro morrer de fome do que ser político! Afirma o ingênuo. E morre de fome.
O cabo eleitoral é o capanga da multidão. A multidão é a massa de manobra que serve o estômago do político. O político é o pulgão da elite. A elite são os espertos que souberam tapear com luvas de pelica.³⁷

Nem os eleitores escapavam da ferocidade do humor presente na revista:

O eleitor é o cabrito da política. Vai para o cabresto como o cabrito vai para o matadouro: dando balidos ‘Nós queremos!’ E, ao contrário, fazendo o que querem os outros.
Ninguém quer ser cabrito. Todos querem ser pastores. Mas todos bancam os cabritos iludidos de que estão bancando os pastores.³⁸

A alusão ao quererismo é clara e o tratamento dado ao eleitorado é o de percebê-lo como incapaz de agir e de pensar por si próprio e realizar o que é interessante para os outros.

A metralhadora giratória do *Moscardo* não poupava ninguém, passava pela crítica social aos “novos ricos”, ironizados na figura de *Madame Ricanova*, e tinha no mundo da política o seu assunto predileto. Sob o aviso de que os nomes e os fatos publicados eram todos fictícios e que qualquer semelhança com a grafia de um nome ou com um fato da vida alheia, seria mera coincidência, atingia variados grupos utilizando-se de um humor ferino.

A *Folha da Manhã* por sua própria tradição e visando atingir um público diverso ao deste periódico, trazia críticas menos explícitas e não tão contundentes quanto estas. Às vésperas do pleito para a escolha do vice-governador, era publicado o seguinte texto:

Infelizmente, a vida partidária tem se caracterizado apenas por campanhas de véspera de eleição e preocupações de caráter meramente político. A linha de conduta dos partidos, além de ignorar na sua generalidade os problemas administrativos, que ficam no arbítrio de seus representantes nas Câmaras ou postos executivos, chega mesmo ao absurdo de dificultar o encontro de soluções para as várias facetas do pauperismo brasileiro.

Não é novidade (...) que certas dificuldades econômicas, registradas no país tem a sua origem na intransigência política que os apetites partidários estimulam no cenário nacional. Campanhas eleitorais remotíssimas já justificam manobras (...) manobras, que lançam a apreensão no seio das classes trabalhadoras e prejudicam o ritmo do trabalho. Lavoura, Indústria e Comércio ficam em suspenso, incertos quanto ao rumo dos acontecimentos e angustiados com a falta de perspectivas seguras para o desenvolvimento de suas atividades produtivas. (...) A situação brasileira apresenta aspectos de intranquilidade peculiar e que não são ditadas por circunstâncias irremovíveis, mas, antes por paixões pessoais e de grupos.³⁹

Os ataques aos políticos e à política são constantes, não se restringindo a algumas frases jogadas numa página ou a certos artigos publicados no momento de agitação eleitoral. Parece ocorrer a existência de um clima desfavorável para a classe política no exato instante da volta do país ao Estado de Direito.

Logo no início dos trabalhos da 1ª Legislatura da CMSP, ocorreram debates sobre a fixação dos vencimentos dos vereadores, com a imprensa dando ampla cobertura, e pouco tempo após sobre o período de férias a ser-lhes concedido. Os próprios edis mostraram-se temerosos com relação ao resultado perante a opinião pública, pois poderiam estar corroborando com o julgamento popular, segundo o qual, todo o político seria ladrão e não gostaria de trabalhar.

Esta questão gerou bastante polêmica, dividindo-se os opinadores em duas alas; os defensores do trabalho não-remunerado, tornando portanto o ato de legislar tarefa voluntária e os favoráveis ao recebimento dos vencimentos por parte dos edis, haja visto que a maior parte deles seria obrigada a sacrificar parte do seu tempo de trabalho, para desempenhar a função de modo satisfatório.

Com relação a este assunto, a *Folha da Manhã* assumiu posição favorável a que os vereadores recebessem, entretanto fazendo algumas ponderações.

Ao mesmo tempo que se deve assegurar a remuneração dos vereadores, convém adverti-los que, por mais esse motivo, ficarão obrigados ao fiel desempenho dos seus encargos, ou seja, do dever de se aplicarem de corpo e alma, ao estudo dos nossos assuntos locais e à feitura de Leis que realmente atendam às necessidades de São Paulo. Nenhuma escusa mais terão na hipótese de deixarem de produzir por negligência o trabalho que deles se espera.⁴⁰

Mesmo adotando posição favorável aos vencimentos dos vereadores, o periódico volta às críticas quando destaca os valores a serem percebidos, ficando acima, inclusive,

dos salários dos deputados estaduais e federais. Ao final aproveita para fazer uma advertência à Casa, pois em caso de aprovação destes subsídios a própria CMSP estaria se expondo às críticas da opinião pública.

Com relação ao período de férias a serem tiradas em julho, Cid Franco apresentou proposição que foi rejeitada, propondo a não paralisação das atividades da Câmara durante este período, através da assunção provisória das cadeiras dos parlamentares ausentes pelos respectivos suplentes. Referente ao mesmo assunto, Jânio enviou um requerimento à Mesa da CMSP, subscrito por outros vereadores⁴¹, inclusive pelo próprio Cid Franco:

REQUERIMENTO Nº 468/48:

Considerando a proximidade das férias parlamentares, requeremos à Mesa, seja constituída uma comissão de vereadores que permanecerá no município, atenta aos assuntos de interesse geral supervenientes.⁴²

Parecem ter tido razão os vereadores preocupados com a imagem da CMSP. Após a retomada das suas funções no mês de agosto, os parlamentares paulistanos foram repreendidos pela opinião pública, pois entendiam não haver necessidade de tirar-se férias, já que não teriam tido tanto trabalho. Padre Arnaldo (PSP) ocupou a tribuna logo no reinício das atividades, para discursar sobre os comentários maldosos feitos tanto pela imprensa quanto pelos populares, referentes ao fato⁴³.

Como pode ser percebido pela leitura da documentação proveniente tanto da imprensa, quanto dos órgãos do Estado, é possível concluir a existência de um ambiente desfavorável para os que estivessem vivendo no meio político, principalmente aqueles detentores de cargos eletivos.

A *Folha* imputava a maior parte dos males da vida brasileira aos políticos e aos partidos, cujo principal interesse seria saciar seus apetites e desejos através do exercício de cargos, relegando a segundo plano a real concretização das aspirações mais prementes dos cidadãos. Havia a indicação da existência de um certo clima de intranquilidade reinante no país em decorrência da atuação dos “maus” representantes do povo.

A intranquilidade a qual o texto se refere, estaria representada pelo fato do sistema político-partidário inaugurado em 1945 ainda não ter alcançado a estabilização necessária, sendo o principal fator para este ambiente, o fisiologismo daqueles cujo dever principal seria lutar para manter o país longe das ditaduras e dos fascismos, mas preocupavam-se, primeiramente, em ganhar poder dentro do sistema.

Em vista disto toda a vida nacional estaria sendo prejudicada, tanto o operário quanto o industrial, pois o primeiro não teria tranquilidade para exercer sua profissão satisfatoriamente, assim como o outro não arriscaria investir num país cujo destino era marcado antes pelas incertezas, do que pela segurança.

Os nossos líderes políticos têm o dever de inquietar menos o país. Se eles, na sua maioria, não possuem vocação para o exame dos problemas práticos (...), pelo menos não criem obstáculos que procurem acercar-se desses problemas e dar-lhes solução. Não será possível a nenhum governo seguir uma administração segura, nem poderá o povo algum trabalhar com sossego e proveito, se o descontrolado apetite de mando turva o juízo dos dirigentes de partidos e os lança em aventuras cujas conseqüências apenas poderão trazer danos à nacionalidade.”⁴⁴

Alguns fatos poderiam levar o periódico a tomar posicionamento tão drástico diante da classe política brasileira, imputando-lhe todos os males da vida nacional. A política paulista estava vivendo sob a instabilidade devido às tentativas de derrubar o governador Adhemar de Barros. Além deste episódio havia o clima eleitoral para a escolha do vice-governador, para a qual as mais diversas composições foram feitas. Adhemar havia contado com o apoio de Vargas para eleger-se governador em janeiro, aliou-se a Dutra em novembro; Prestes, por sua vez, aliado ao PSP na primeira eleição de 1947, uniu-se a Getúlio contra o ademarismo na segunda, ou seja, o próprio clima de “conchavos” políticos no qual os pleitos estavam envolvidos permitia à opinião pública ter pensamentos desta natureza.

Portanto, foi sob este clima, onde os políticos eram vistos como “*salafrários*” ou “*ladrões*” e a política como a “*arte de enganar o povo*”, que Jânio Quadros passou a apresentar seus personagens, construindo uma figura sedutora aos olhos do eleitorado, cuja desconfiança aumentava progressivamente em relação aos seus representantes.

Com relação a este aspecto, a figura do “opositor” e do “trabalhador” surgiram como principais artifícios no trabalho de dar visibilidade ao ator/vereador/deputado Jânio Quadros. Afirmando-se como um político independente, acima dos interesses pessoais e partidários, cujo principal objetivo seria atender às demandas colocadas pela população, desta forma Jânio começava a ganhar espaço e preparava-se para galgar degraus mais altos.

No entanto, estas não foram as únicas figuras mostradas. Se a atuação política dentro das Casas Legislativas pautava-se pela oposição ao identificado como “*político tradicional*”, sua atuação referente ao “*exame dos problemas práticos*” visava combater alguns males enfrentados pelos paulistas, realizando o trabalho a ser exercido tanto por políticos, como por partidos, segundo a *Folha da Manhã*:

As agremiações políticas, indistintamente, (...) deveriam agitar certos assuntos com frequência como, por exemplo, os relativos ao petróleo, ao trigo, ao leite, à carne e muitos outros que demandam solução. (...) Nada impede que num país como o nosso, onde tudo está por ser resolvido, os partidos ventilassem problemas de magna importância para a nação, dando (...) à sua luta um sentido que (...) não encontramos nas atuais pugnas entre os nossos partidos.⁴⁵

Segundo este posicionamento do periódico pode-se perceber sua apreensão com os problemas que afligiam a população de forma mais direta, que a atingiam nas suas necessidades básicas. Esta tarefa a princípio ficaria a cargo do periodismo direcionado às classes populares⁴⁶, como o *Diário Popular* ou o *Hoje*, mas também foi assumida pela *Folha* e pelo *Estado*.

À primeira vista poder-se-ia imaginar que periódicos como a *Folha da Manhã* e o *Estado de S. Paulo*, dirigidos a um público tipo *quality*⁴⁷, não estariam preocupados em estampar nas suas páginas matérias a respeito de questões relativas ao cotidiano dos paulistanos, como o abastecimento da carne ou do leite, a qualidade dos produtos oferecidos ao consumo público, a não existência de rede de energia elétrica em certos locais ou a alta dos preços dos produtos agrícolas.

Durante um longo período iniciado em meados do ano de 1947 e estendido até o começo de 1948, a *Folha da Manhã* promoveu uma campanha cujo objetivo seria melhorar todo o circuito produtivo existente em torno do leite, desde as condições de saúde do gado leiteiro, passando pela sua produção e terminando na distribuição.

Durante vários meses, foram publicados diariamente pequenos textos alertando a população sobre a qualidade do leite consumido, concitando-os a integrar a luta empreendida pelas *Folhas*. Dia a dia, na última página do caderno de “Economia e Negócios” vinha uma coluna intitulada a “Marcha da Campanha”, informando os benefícios conquistados pelos paulistas na melhoria deste produto. Diariamente a *Folha* trazia pequenos textos em suas páginas pertencentes à “Campanha do Leite”:

Aos Bares, Empórios, Leiterias e Confeitarias

É crime pôr água no leite ou desnatá-lo, e a polícia está prendendo os autores desse crime contra a saúde pública. Segundo determina o Art. 273 do Código Penal, são responsáveis pelas fraudes não apenas o produtor ou o usineiro, mas também quem vende, expõe à venda, tem em depósito para vender ou de qualquer forma entrega ao consumidor público o leite assim adulterado. Como se vê, a lei alcança os distribuidores, os bares, empórios, as leiterias e as confeitarias onde seja encontrado o leite adulterado. Por isso, os estabelecimentos honestos, evitando complicações com a polícia e a justiça, devem exigir de seus fornecedores leite de boa qualidade.⁴⁸

Noutro texto, condenava a falta de higiene dos estábulos:

O Perigo dos Estábulos

Nos arredores da Capital existem estábulos cujas péssimas condições higiênicas desanimam qualquer a tomar o leite que neles é ordenhado. Já temos publicado amplas reportagens fotográficas revelando o perigo que tais focos de infecção constituem para a saúde pública.

Esses estábulos estão condenados pelos Arts. 6 e 26 do Dec. Lei nº 12.123 de 23/08/1941. Dispõe o último desses dispositivos que: ‘O estábulo que não preencher as condições

higiênico-sanitárias recomendáveis, será interdito e os seus animais serão apreendidos.⁷

As autoridades sanitárias estão erradas quando toleram esses estábulos sob o pretexto de que fechá-los importaria em eliminar uma fonte de produção. Essa tolerância é que estimula o desrespeito à Lei por parte daqueles produtores. Para resolver-se o problema do leite, basta fazer uma coisa: cumprir a Lei!⁴⁹

Mas, nem só de leite viviam os paulistanos. Além deste gênero alimentício, outros também entravam na pauta do jornal e na casa dos consumidores. E comer não é a única atividade humana. Para saciar esta necessidade é necessário conseguir recursos materiais e a maioria das pessoas se dedica a atividades produtivas para tal.

Aí surge outra questão bastante abordada pelos periódicos da época, as condições oferecidas aos trabalhadores. Neste sentido não se discutem questões apenas referentes a salários ou o que lhes era oferecido no espaço da fábrica, mas, principalmente, a situação precária na qual vários bairros da capital se encontravam.

São inúmeros os relatos de distritos onde não se encontravam escolas, de ruas onde não havia luz elétrica, calçamento, água encanada, ou uma rede para o escoamento do esgoto residencial. Da mesma forma o sistema de transportes encontrava-se em estado precário, de forma alguma conseguindo responder às necessidades dos habitantes das áreas mais distantes do centro da Capital.

É importante perceber a preocupação mostrada pelo periodismo paulistano com o espaço da cidade na qual circulavam, destacando os seus principais problemas. Mesmo notando-se que na primeira página tanto do *Estado de S. Paulo* quanto da *Folha da Manhã*, havia destaque maior para as questões de Política Internacional, herança do período da Guerra, de forma alguma estes matutinos desprezavam os assuntos relacionados ao bem-estar dos seus leitores.

Portanto, a alta do preço da carne era importante para o *Estadão*, assim como era importante para o *Hoje* discutir a situação precária na qual viviam moradores de certo bairro. Também vale a pena ressaltar a possibilidade oferecida aos leitores de manifestarem-se através de colunas abertas exclusivamente para a exposição de situações, onde de alguma forma a população estivesse sendo prejudicada.

O *Estado de S. Paulo* reservava uma seção chamada “Queixas e Reclamações”. Nesta os leitores manifestavam-se através de cartas no sentido de exigir melhorias para algum serviço público ou denunciar abusos cometidos. Outra seção também era publicada, neste periódico, com o mesmo intuito. Sua publicação não era tão constante quanto a já citada, e possuía um tom mais empolado, próximo ao bacharelismo tão caro à UDN, onde as

argumentações eram mais desenvolvidas, chamada “Colaboração dos Leitores”. Poderia-se diferenciar as duas seções sob a ótica de que a primeira destinava-se a denunciar o problema e a segunda a apresentá-lo e discuti-lo.

Entende-se que a construção da figura janista foi marcada pela falta de nitidez, expressada pela multiplicidade de personagens que o ator/autor encarnava. Quando se trata de mito, ele deve ser entendido na sua porção que tenta mascarar os fatos, dar opacidade à realidade concreta, ou melhor, numa visão metafórica seria como se Jânio utilizasse sua vassoura, para levantar uma densa cortina de poeira, capaz de confundir aqueles que tentassem identificá-lo.

Esta multiplicidade de personagens, o “fiscal do poder público”, o “moralista”, o “operoso”, o “combalido” contribuíam no sentido de não deixar claro qual era sua diretriz ideológica, tanto que por uns era chamado de anti-Cristo, desarticulador da tradicional família brasileira e por outros de liberal e conservador. Raoul Girardet no estudo sobre os mitos políticos fala que:

A partir do momento em que todo mito desse tipo [o salvador] ganha uma certa amplitude coletiva, ele tende a combinar vários sistemas de imagens ou de representações, a constituir-se em outras palavras, como uma espécie de encruzilhada do imaginário onde vêm cruzar-se e embaralhar-se as aspirações e as exigências mais diversas, por vezes, mais contraditórias. (...) Napoleão Bonaparte encarnou ao mesmo tempo a ordem e a aventura, o messianismo revolucionário em marcha e o princípio de autoridade restaurado.⁵⁰

Por seu turno, Jânio quando atuava no Parlamento, encarnava vários personagens que por vezes pareciam ser contraditórios a um olhar menos atento. Aproximou-se do operariado, principalmente, através das melhorias que reivindicava aos bairros periféricos e numa visível luta em defesa dos menos favorecidos pela sorte, como no momento em que se coloca contra um projeto que visava aumentar os salários dos funcionários municipais mais graduados, como os médicos e os engenheiros, deixando de fora do reajuste os “*de baixo*”, como serventes e motoristas.

Entretanto, Jânio não se preocupava apenas com o proletariado. Moradores das áreas centrais da Capital também recebiam a atenção do político, que tentava proibir a exibição de “*películas obscenas*”, a publicação de “*revistas pornográficas*” e dar maior policiamento de costumes para as ruas e feiras, a fim de evitar que senhoras da “boa sociedade paulistana” passassem por situações constrangedoras e vexatórias.

Talvez um dos pontos chave para a constituição da figura política de Jânio Quadros e do seu sucesso junto ao eleitorado de São Paulo, e mais adiante, com o nacional, tenha

sido a preocupação com o espaço da cidade de São Paulo. Vários problemas da cidade, relativos ao cotidiano dos munícipes, cuja resolução seria da responsabilidade do Poder Público sempre estiveram no seu roteiro.

Um dos seus principais personagens foi o administrador e seu principal palco foi o Palácio dos Campos Elíseos. Este lutava pela austeridade econômica, pelo corte de gastos desnecessários, dando especial atenção à moralidade no trato da coisa pública; uma das principais faces deste personagem era a do tecnicista.

Sua representação neste sentido retirou aplausos da platéia, pois conseguiu recuperar as finanças do Estado de São Paulo através de um governo que trouxe para o seu secretariado, técnicos e especialistas em cada área de atuação, diminuindo, desta forma, a participação dos interesses políticos dentro da condução dos negócios do Estado. Varrer significava retirar os corruptos da administração pública, mas também poderia significar a expulsão dos políticos da *res pública*⁵¹.

Para o personagem ter uma caracterização completa, não poderia se esquecer do vestuário, da maquiagem e, em alguns casos, da máscara. Os personagens políticos ligados às classes dominantes, os antagonistas desta trama no seu início, predominavam no cenário político e costumavam apresentar-se elegantemente vestidos, com bem cortados ternos, barbas feitas e/ou bem cuidadas, belos sapatos...

Enfim, um quadro que denotava beleza e elegância, impondo certo ar de respeito frente ao cidadão comum, como se o cargo os distinguisse dos outros mortais. Então, como o protagonista desta trama compôs seu personagem? Caracterizando-se de forma a mostrar o seu não pertencimento ao mesmo grupo social que seus adversários.

Terno? Só tinha um... surrado; barba? Sempre por fazer; cabelos? Sempre despen-teados; calças? “Pescando siri”. Sem contar aquela caspa no ombro, aquele olhar meio esquizofrênico com os óculos, invariavelmente, tortos, as injeções de vitaminas e os famosos sanduíches de mortadela.

Isto Jânio apresentou ao seu público, esta imagem completamente desvirtuada dos padrões tradicionais foi oferecida ao eleitor paulistano. Foi com esta imagem que os setores médios ligados ao proletariado urbano se identificaram e o ajudaram a colocar no mais alto posto da política nacional, em 1960.

Além de sujeira ou repugnância, este personagem, através de sua caracterização, criava uma identidade entre Jânio e boa parte do proletariado paulistano, pois denotava a incapacidade econômica em vestir-se bem de ambos. Acredita-se que também poderia traduzir a escassez de tempo e a sobra de problemas dos moradores da periferia que os impediriam de preocupar-se com tais questões. Viriato de Castro descreve assim o seu biografado:

Eis que, de súbito, aparece no cenário político uma figura quixotesca. Foi no dia 1º de janeiro de 1948, data em que se instalou a Câmara Municipal de S. Paulo. (...) Pois naquele dia, naquela hora, ingressou na Câmara Municipal de S. Paulo um homem magro, alto, de olhos grandes, embaciados, tristes, cabelos compridos, bigodes caídos pela boca, à semelhança do filósofo Nietzsche, mal vestido, exaltado, descabelado, barba sempre por fazer, quase sempre com um capote surrado, para assumir uma cadeira de vereador.⁵²

Jânio compôs um tipo à imagem e semelhança de parte do seu eleitorado, visando extremar as diferenças sociais. O *slogan* de sua campanha para a Prefeitura pode ser um indício para tal consideração: *o tostão contra o milhão*. É importante afirmar que as vitórias de Jânio não se fizeram apenas com o voto da periferia, mas pode-se levantar a hipótese da emergência da figura janista ter ocorrido, em grande medida, por causa deste apoio.

Não pode ser esquecido que na sua eleição como prefeito de São Paulo, saiu vitorioso em todas as áreas geográficas da cidade⁵³. Obteve maior votação percentual nas zonas Norte e Leste, em torno de 73%, mas também foi muito bem votado nas outras três áreas, Centro, Oeste e Sul, ficando com mais de 60% nestas⁵⁴.

É importante deixar claro que Jânio não compôs um personagem direcionado para um único tipo de público, a própria multiplicidade de faces deste permitia sua multiplicação e penetração em várias áreas da cidade, assim como cruzar todos os segmentos sociais, a partir da satisfação dos mais variados desejos e interesses do eleitorado. Nas palavras de René Remond, tem-se, que

O indivíduo engajado na Política, na escolha de um voto, certamente está preocupado em salvaguardar seus interesses e os do grupo ao qual pertence. Mas há muito mais que isso. Ele tem convicções, idéias e até paixões como a inveja, o ódio, o medo, o imaginário, o sonho, a utopia, a generosidade e tudo isto se expressa na política.⁵⁵

Tomando como parâmetro estas observações, pode-se pensar que através da multiplicidade de faces encarnadas pelo personagem Jânio Quadros em vários palcos diferentes, fosse o Parlamento, o Palácio dos Campos Elíseos, ou um palanque em Vila Maria, conseguia reunir em torno de si, uma gama de aspirações de vários grupos sociais, que depositavam nele a expectativa de verem seus desejos satisfeitos e interesses preservados.

Portanto, Jânio buscava encarnar em uma das faces de seu personagem, a imagem do proletariado urbano. Podemos voltar a Girardet e afirmar estar a construção desta figura política vinculada à *marca da história*⁵⁶.

Em tais condições, o herói só poderia ser construído, a partir da adequação entre a personalidade do homem-herói e as necessidades de sua sociedade, isto é, não haveria herói caso ele não correspondesse a estas demandas e expectativas. Existem vários tipos de heróis e salvadores, mas todos só puderam encontrar receptividade porque adequaram-se

às suas realidades. *Todo processo de heroificação implica, em outras palavras, uma certa adequação entre a personalidade do salvador virtual e as necessidades de uma sociedade em um dado momento de sua história.*⁵⁷

Esta marca parece-me fundamental para pensar a ascensão de Jânio Quadros na política brasileira, a partir de sua base paulistana. Mais do que atribuir a Jânio a culpa pelo golpe de 1964 ou analisá-lo a partir do pitoresco é necessário pensar a emergência de tal figura em função das debilidades do sistema político-partidário brasileiro e da sintonia encarnada por Jânio com seus eleitores. Não se pode analisar este personagem apenas por aspectos pessoais, mas a partir da relação criada e estabelecida por ele com seus eleitores, seja nas tribunas da CMSP e da ALESP ou do periodismo da capital.

Notas

* Doutor e professor na Universidade Federal do Tocantins. E-mail: felipe.uft@globocom

¹ CASTRO, Viriato de. *O fenômeno Jânio Quadros*. São Paulo: editado pelo próprio autor, 2ª ed., 1959, p. 33.

² Cf. MAYER, Jorge Miguel & BENJAMIN, Cesar. “QUADROS, Jânio”, in: *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: Funadação Getulio Vargas - Cpdoc / Editora Forente-universitária, 1984, pp 2847-2856. (site: <http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/htm>)

³ CASTRO, *Opus cit.*, p. 33.

⁴ *Idem*, p. 31.

⁵ Cf. “QUADROS, Jânio”, in: *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro, Opus cit.*, p. 2847.

⁶ *Ibidem*.

⁷ CASTRO, *Opus cit.*, p. 36.

⁸ Cf. “QUADROS, Jânio”, in: *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro, op. cit.* p. 2847.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ CASTRO. *Opus cit.*, p. 38

¹¹ IGLÉSIAS, Francisco. *Trajétoria política do Brasil: 1500- 1964*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹² *Idem*, p. 10.

¹³ *Idem*, p. 275.

¹⁴ *Idem*, p. 282.

¹⁵ BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *O governo Jânio Quadros*. 2ª ed., São Paulo: Editora Brasileira, 1982.

¹⁶ Inicialmente o termo bonapartismo foi cunhado por Karl Marx em seu texto *O dezoito Brumário de Luís Bonaparte*, inspirado pelo golpe de Estado dado por este, transformando-se em Napoleão III. Esta idéia refere-se à concentração de poderes no Executivo, colocando o Legislativo e o Judiciário numa posição secundária. Para o caso janista, Maria Victoria Benevides utilizou-o no sentido de que ele procurava colocar-se acima dos partidos e da sociedade política, baseando seu governo na grande vantagem de votos conquistada no pleito presidencial.

¹⁷ CHAIA, Vera L. Michalany. *A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)*. Ibitinga: Humanidades, 1991.

¹⁸ BENEVIDES. *Opus cit.*, p. 12.

¹⁹ BELOCH, Israel e ABREU, Alzira A. de. *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro: 1930 - 1983*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária: FGV/CPDOC: FINEP, 1984.

- ²⁰ IGLÉSIAS, Francisco. *Historia política de Brasil*. Madri: Editora Mapfre, 1992.
- ²¹ CHAIA. *Opus cit.*, pp. 19-20.
- ²² Frente formada pelo Partido Trabalhista Nacional e pela União Republicana Democrática.
- ²³ Quadro montado a partir de dados colhidos no *Diário Oficial do Estado de S. Paulo*, edições de 22 de novembro de 1947, nº 266, ano 57, pp. 32-33, e de 28 de novembro de 1947, nº 271, ano 57, pp.45-47.
- ²⁴ Cf. *Diário Oficial do Estado de S. Paulo*, as edições de 22 de novembro de 1947, nº 266, ano 57, pp. 32-33, e de 28 de novembro de 1947, nº 271, ano 57, pp.45-47.
- ²⁵ Cf. *Folha da Manhã*, edição de 27 de novembro de 1947.
- ²⁶ Para maiores informações sobre o PCB consultar ABREU, Alzira Alves de & FLAKSMAN, Dora. “Partido Comunista Brasileiro”, in: *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro. Opus cit.*, pp. 2490 - 2507.
- ²⁷ Idem, p. 2499. Idem, p. 2499.
- ²⁸ Os resultados finais do pleito de 9 de novembro de 1947 podem ser encontrados na imprensa periódica paulistana, tanto a não oficial quanto a oficial. *O Estado de S. Paulo* e a *Folha da Manhã*, por exemplo, em suas edições de 22 de novembro de 1947, trouxeram os resultados finais do pleito, com os votos de cada candidato e a constituição final da Câmara, inclusive com o número de vereadores eleitos por cada partido. Já o *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, trouxe na sua edição deste mesmo dia, apenas o nome dos candidatos eleitos por cada partido e na edição do dia 28 de novembro publicou a ata de encerramento dos trabalhos da comissão encarregada da apuração final das eleições municipais e a proclamação dos vereadores eleitos, mostrando, inclusive, a listagem dos suplentes por partido.
- ²⁹ No início de cada volume dos *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, as bancadas de todos os partidos estavam relacionadas. Esta totalização pôde ser feita a partir desta informação contida no 1º volume do ano de 1948 dos *Anais*.
- ³⁰ Tabela formulada, pelo autor, a partir do recolhimento de dados nos *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*, ano de 1949. Alguns números foram arredondados, mas sem que esta alteração prejudicasse de modo significativo a tabela.
- ³¹ *Anais da Assembléia Legislativa de São Paulo*. 2ª sessão ordinária, 16/03/51, caixa 1, pasta 4.
- ³² Idem, ibidem.
- ³³ Idem. 3ª sessão ordinária, em 19/03/51, caixa 1, pasta 5.
- ³⁴ Cf. MAYER, Jorge Miguel & BENJAMIN, Cesar. “BARROS, Ademar de”, in: *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro. Opus cit.*, p. 320.
- ³⁵ Os outros componentes da bancada do PDC na ALESP eram: Yukishigue Tamura, Manuel Vitor, Miguel Petrili e Antonio Fláquer.
- ³⁶ *Moscardo*. Nº 1031, edição de 11/12/48, p. 10-11.
- ³⁷ Ibidem.
- ³⁸ Ibidem.
- ³⁹ Os Partidos e a Administração, in: *Folha da Manhã* (Gazetilha), edição de 02/11/1947, p.6.
- ⁴⁰ Os Partidos e a Administração, in: *Folha da Manhã* (Gazetilha), edição de 02/11/1947, p.6.
- ⁴¹ Esta proposição foi elaborada por Jânio e contou com as assinaturas de José Estefno (PSP), Camilo Ashcar (UDN) e Cid Franco (PSB).
- ⁴² *Anais da Câmara Municipal de São Paulo*. 56ª sessão ordinária, 28/06/48. Vol. 5, p. 2899.
- ⁴³ Idem. 60ª sessão ordinária, 06/08/48. Vol. 5, p. 3104.
- ⁴⁴ Os partidos e a administração, in: *Folha da Manhã*. Op. cit. p. 4.
- ⁴⁵ Os partidos e a administração, in: *Folha da Manhã*. Op. cit. p. 6.
- ⁴⁶ Esta classificação indica que o periódico está direcionado às classes de renda mais baixa. Vide BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica - história da imprensa brasileira* (2 volumes). São Paulo: Ática, 1990, vol. 1, p. 252.
- ⁴⁷ Esta classificação indica que o público alvo de um periódico pertence às classes A e B. Cf. BAHIA, Juarez. *Opus cit.*, p. 252.
- ⁴⁸ *Folha da Manhã*. Este texto foi retirado da edição de 01/11/47, p. 2, podendo também ser visto em várias outras edições anteriores ou posteriores a esta.
- ⁴⁹ Idem, edição de 01/11/47, p. 3. O mesmo texto também aparece em outras edições.

⁵⁰ GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*; tradução de Maria L. Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, pp. 72-73.

⁵¹ CHAIA, *Opus cit.*, p. 115.

⁵² CASTRO, *Opus Cit.*, p. 33.

⁵³ No momento da realização da pesquisa empírica, quando visitou-se o TRE/SP foi dito que os dados referentes a esta eleição não estariam disponíveis para consulta. Desta forma, recorrendo-se a outras fontes encontrou-se dados referentes às diversas regiões eleitorais paulistanas em periódicos não-oficiais.

⁵⁴ Apud: CHAIA, *Opus Cit.*, p. 73.

⁵⁵ RÉMOND, Réne. Por que a história política?, tradução de Anne-Marie Milon Oliveira, in: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, vol. 7, nº13, 1994, pp 9-19.

⁵⁶ GIRARDET, *Opus Cit.*, p. 80.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 82.